

30 MAI 1999

Ausência de FHC na Embraer causa mal-estar a militares

O presidente Fernando Henrique Cardoso perdeu, na última sexta-feira, uma excelente oportunidade de ganhar pontos junto ao seu eleitorado militar. Não que o Presidente venha sofrendo restrições naquele delicado setor. Entretanto, como uma lei draconiana garante às Forças Armadas o papel de guardiãs da lei e da ordem e, uma outra pior, lhes confere um status superior, salientando, por exemplo, que os militares têm mais probidade moral que os civis, tudo pode acontecer quando o País parece estar afundando na lama.

Com tantas denúncias de corrupção e irregularidades envolvendo assessores presidenciais, quando não a ele próprio, Fernando Henrique deveria ter enfrentado a oposição, a imprensa, os desafetos que andam lhe grampeando as conversas particulares e, corajosamente, ter viajado a São José dos Campos (SP), para prestigiar o lançamento de dois aviões militares fabricados pela Empresa Brasileira de Aeronáutica (Embraer).

Desencantadas como andam as Forças Armadas, pelo menos no que diz respeito à falta de dinheiro para renovação de seus equipamentos ou compra de material de emprego militar, o ato ocorrido na Embraer, sexta-feira, revestia-se de uma importância singular para os militares da FAB, que lá esperavam ver seu Presidente e comandante supremo.

Mas não. Acuado com tantas denúncias, Fernando Henrique repetiu o procedimento habitual. Partiu para o exterior, onde costuma ser laureado com títulos, homenageado com jantares e adulado como o sociólogo, cientista político e estadista brilhante que é. Ou melhor, que foi ao longo de seu primeiro mandato.

O Presidente, que tudo fizera pelo Sivam (Sistema de Vigilância da Amazônia) - à revelia até do presidente do Senado, Antonio Carlos Magalhães (PFL-BA) - e mesmo curvando-se em demasia às exigências dos Estados Unidos, estava sendo esperado na grande festa da Embraer. Afinal, a empresa que disputa um difícil mercado internacional apresentaria ao Brasil e ao mundo os dois aviões militares por ela concebidos: o ALX - um turbo-hélice de ataque leve ao solo - e o avião de alerta aéreo antecipado (AEW&C), destinado a executar missões de vigilância e controle de fronteiras, vigilância marítima, coordenação de busca e salvamento e gerenciamento do espaço aéreo na Amazônia.

Tanto Fernando Henrique tinha confirmado sua ida à Embraer, antes dos últimos escândalos, que os convites distribuídos às autoridades e jornalistas recomendavam pontualidade, "devido à presença do exmo. sr. presidente da República". Todavia, talvez diante da possibilidade de ter de enfrentar a imprensa, as perguntas indiscretas sobre grampos, os olhares

desconfiados de um segmento considerável de homens fardados e de autoridades estrangeiras, Fernando Henrique preferiu ir para o México.

Tudo bem que lá, a partir de ontem, se realizaria uma importante reunião de presidentes latino-americanos. Mas na véspera, a programação presidencial se resumia ao recebimento de um prêmio conferido por uma ONG que luta contra a Aids, à participação de um jantar com o presidente do México e a um encontro com o presidente do Paraguai. A XIII Reunião de Cúpula do Grupo do Rio, na realidade, só aconteceu formalmente no sábado, às 11 horas.

Portanto, se Fernando Henrique quisesse e, se fosse bem assessorado, teria ido a São José dos Campos, prestigiava os aviões militares, faria um discurso sobre o tema e o esforço de seu governo em conciliar o social com a modernização dos equipamentos militares e ainda voava para o México, a tempo de assistir à reunião de chefes de estado.

O Presidente, no entanto, cancelou sua agenda na Embraer, mandando em seu lugar o vice-presidente Marco Maciel (PFL-PE). Que, como bom político, não só colheu os louros da vitória pela conclusão dos dois protótipos militares - orgulho da FAB e da Embraer - como teceu elogios ao processo de globalização no qual o Governo tenta se inserir. Para justificar o sucesso da privatização, Marco Maciel usou os dados estatísticos da Embraer, citando os esforços havidos durante o regime militar para se criar cérebros no ITA e no CTA, entidades de ensino que fazem o orgulho da Aeronáutica.

Maciel, e logicamente seu PFL, conseguiram, com certeza, angariar a simpatia daqueles que não concordam com a globalização, lembrando como a Embraer deu certo privatizada e como o País está se projetando por meio desse processo, especialmente no Mercosul. "Após a estabilidade econômica e política, devemos agora investir na estabilidade social", disse Maciel, fazendo referência ao aumento de empregos na Embraer. Não restam dúvidas, para quem esteve em São José dos Campos, que além da Embraer, a festa foi também do PFL, representado ainda pelo ministro da Defesa, Élcio Álvares (ES), e pelo relator do projeto do Ministério da Defesa, Aroldo Cedraz (BA). Os inúmeros embaixadores, empresários e jornalistas estrangeiros presentes à cerimônia nem devem ter notado essas nuances da política interna brasileira, mas os militares deixaram a cerimônia reclamando da ausência presidencial num momento tão importante para eles. Afinal, nem o PSDB se fez presente.

